

1964–2000, DUAS CASAS DE ALCINO SOUTINHO

Casa Rio Maior, 1964; Casa Rua Júlio Dantas, 2000¹

1964–2000, TWO HOUSES BY ALCINO SOUTINHO

House Rio Maior, 1964; House Rua Júlio Dantas, 2000

João Castro Ferreira, arquitecto

Professor Auxiliar, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa
Investigador colaborador no Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, da Faculdade de
Arquitectura da Universidade do Porto (CEAU–FAUP)

{jferr@ufp.edu.pt}

RESUMO

Análise comparada da Casa em Rio Maior e da Casa na Rua Júlio Dantas, no Porto, projectadas por Alcino Soutinho em 1964 e 2000, respectivamente. Desenvolveremos esta análise a partir de tópicos/temas de análise: linguagem, contexto, luz e matéria, público/privado, geometria/ortogonalidade, céu e terra, organização funcional. Permanecem as preocupações (temas de projecto), variam as soluções. Dos temas que permanecem, destacamos: a linguagem, contexto, luz e matéria, público/privado, céu, terra, regular/irregular, função/disposição, procurando-se detectar elementos de continuidade e diferença entre dois momentos tão diversos da longa carreira profissional de Soutinho. A diversidade e variedade de respostas que cada um dos projectos encerra correspondem à procura das respostas mais adequadas a cada programa, lugar e tempo, em e na liberdade por que o autor lutou.

Palavras Chave

Alcino Soutinho, Casa, Arquitectura portuguesa, Século XX

ABSTRACT

Comparative analysis of the House in Rio Maior and the House Rua Júlio Dantas, in Porto, designed by Alcino Soutinho in 1964 and 2000, respectively. This will take place based on topics/themes of analysis: language, context, light and matter, public/private, geometry, sky and earth, functional organization. Comparing the case studies: concerns remain (project themes), solutions vary. Of the themes that remain, we highlight: language, context, light and matter, public/private, sky, earth, regular/irregular, function/disposition, seeking to trace elements of continuity and difference between these two different moments of Soutinho's long professional career. The diversity and variety of answers that each of his projects contains correspond to the search for the most appropriate answers for each program, place and time, in and within the freedom for which Alcino Soutinho struggled.

Keywords

Alcino Soutinho, House, Portuguese Architecture, 20th century

¹ Texto escrito segundo a antiga ortografia.

INTRODUÇÃO

Propomos a análise comparada da Casa em Rio Maior e da Casa na Rua Júlio Dantas, no Porto, projectadas por Alcino Soutinho em 1964 e 2000, respectivamente. Trata-se de uma das primeiras e uma das últimas casas projectadas por este arquitecto no seu longo e profícuo percurso profissional. Mais não fosse, a confrontação destas duas casas permitirá detectar elementos de continuidade e diferença entre dois momentos tão diversos da sua experiência projectual.

Para além de marcarem as fases inicial e final da carreira de Alcino Soutinho, os cerca de 35 anos que medeiam estes dois projectos correspondem a um dos períodos de mais intensa transformação da sociedade portuguesa. António Barreto, no seu extensivo estudo sobre este período assinala:

Nestas três décadas e meia, a «modernização» da sociedade portuguesa foi profunda. Foi, sobretudo, muito rápida. De modo simples, mas revelador, a «modernização» que se detecta consiste, no essencial, na aproximação dos padrões de crescimento e dos modelos de organização social em vigor nas sociedades europeias económica e tecnologicamente mais avançadas, com mais experiência do Estado-providência e com mais tradições políticas democráticas. (Barreto, 1995, p. 849)

A expectativa sobre a comparação destas duas casas é, em nossa opinião, maximizada pelas semelhanças de programa e localização que apresentam: casas unifamiliares de dimensão aproximada, com programas não muito diferenciados em lotes de remate de frentes urbanas relativamente consolidadas. Pressupostos programáticos e urbanos com similitudes em tempos muito diversos.

Desenvolveremos esta análise a partir dos seguintes tópicos/temas de análise: 1) linguagem, 2) contexto, 3) luz e matéria, 4) público/privado, 5) geometria, 6) céu e terra, 7) organização funcional. Destes temas, alguns são inescapáveis numa análise de espaços arquitectónicos, outros, bem como a sua associação, foram sendo sugeridos pela realização do trabalho. A adopção dos diversos temas foi aferida em função da sua pertinência para a compreensão em concreto dos casos de estudo. Não foi preocupação nossa

sermos exaustivos, até porque as condições de acesso às obras inviabilizariam tal propósito. Da Casa de Rio Maior não foi possível aceder a qualquer peça desenhada e também não foi possível visitar o interior da Casa da Rua Júlio Dantas. Mais do que uma grelha pré-definida, fomos avançando tendo como fio condutor a tentativa de identificar o que aproximava e o que distinguia estas duas obras, a partir da análise de desenhos e fotografias e esporádico redesenho.

LINGUAGEM

A expressão plástica da Casa de Rio Maior é claramente tributária do desafio de uma arquitectura moderna capaz de integrar e reinterpretar modelos e características da arquitectura popular. Para este efeito é de particular importância a Casa de Ofir (1956–58), de Fernando Távora, cujo propósito e pressupostos suportarão o desenvolvimento de um sólido reportório formal por Siza Vieira, na fase inicial do seu percurso autoral. O entendimento da modernidade como adequação a circunstâncias históricas e não como revolução, considerando a arquitectura como a transformação do espaço com os meios e as possibilidades disponíveis em cada momento, permite uma abordagem com grande enfoque nas linhas de continuidade e reflecte-se numa procura de cruzamento e cerzimento de materiais e técnicas construtivas de tempos muito diversos. A Casa de Rio Maior faz parte deste movimento e utiliza, sem marcas de descontinuidade, materiais e técnicas da construção industrial a par de materiais e formas de matriz tradicional.

Na Casa da Rua Júlio Dantas estamos noutra momento, e a expressão plástica é manifestamente diversa: desaparecem as referências a materiais ou formas evocativas da construção tradicional. Poder-se-ia especular que esta diferença decorre do carácter mais intensamente urbano do meio envolvente da casa em Nevogilde, mas não cremos ser sustentável este argumento. O abandono de referências à construção tradicional também existe na casa Couto dos Santos (2003), em Afife, meio ainda menos urbano do que o da Casa de Rio Maior. Nos 35 anos que as separam e distanciam, a especificidade da arquitectura portuguesa deixou de ser uma preocupação central na discussão da arquitectura portuguesa e a industrialização dos processos cons-



Figura 1. Casa de Rio Maior.

Fonte: fotografia de Ana Rita Moreira.

Figura 2. Casa da Rua Júlio Dantas.

Fonte: fotografia de Ana Rita Moreira.



trutivos tornou-se totalmente predominante. São casas de dois “portugais” diferentes e a expressão plástica é disso contundentemente significativa.

Mas se a linguagem arquitectónica destas duas casas é muito diversa entre si, em relação à marca autoral, partilham uma certa forma de serem anónimas. Nenhuma das casas apresenta elementos que tornem imediatamente identificá-

veis a sua autoria. Não que não seja possível encontrar elementos plásticos comuns a outros projetos de Alcino Soutinho; eles existem, mas nestas obras o autor dispensa ou relega para plano muito secundário a marca autoral. Este aspecto é tanto mais relevante quanto Alcino Soutinho desenvolveu, na sua obra dos anos 80 e 90 do século passado, um conjunto de obras com uma fortíssima e original marca autoral. A partir de temas que lhe são caros – a tectónica

como possibilidade expressiva, a autonomia da cor, o contraste entre cheios e vazios, a massa e o peso das estruturas – desenvolve uma expressão arquitectónica particularmente original. Não deixa de ser curioso que, após este percurso de pesquisa e criação de um léxico arquitectónico, Alcino Soutinho pareça ensaiar e testar os limites do anonimato autoral no quadro de um exercício projectual de extremo cuidado e acutilância como o é o da Casa da Rua Júlio Dantas.

CONTEXTO

Em ambas as casas os elementos de contextualização são determinantes na concepção da forma arquitectónica. Mais do que condicionante, o contexto é utilizado como base estrutural da concepção arquitectónica.

Na Casa de Rio Maior, entendemos como tema dominante a diferença entre as frentes construídas nos dois arrua-

mentos que delimitam o lote. Para além da diferença altimétrica que determina que as edificações da Rua Marquês de Rio Maior (a Norte) se desenvolvam a um nível bastante mais alto do que na Rua Latino Coelho (a Sul), nesta última a frente urbana é compacta, alinhada à face da rua e com grande coerência plástica, enquanto na Rua Marquês de Rio Maior, os elementos edificados são de matriz pavilhonar e mais variados na forma e expressão. Alcino Soutinho explora esta dicotomia com a proposição de um grande volume horizontal, paralelo à Rua Latino Coelho, a partir do qual, em planos posteriores, surge um conjunto de volumes mais altos, em que predominam as proporções verticais, assumindo-se a casa, que projecta, como uma rótula articuladora destas duas circunstâncias.

Na casa da Rua Júlio Dantas, onde as opções sobre a mancha de implantação estão à partida muito circunscritas pela dimensão e forma do lote, Alcino Soutinho procura a tensão de elementos dissonantes, para, a partir deles, construir um

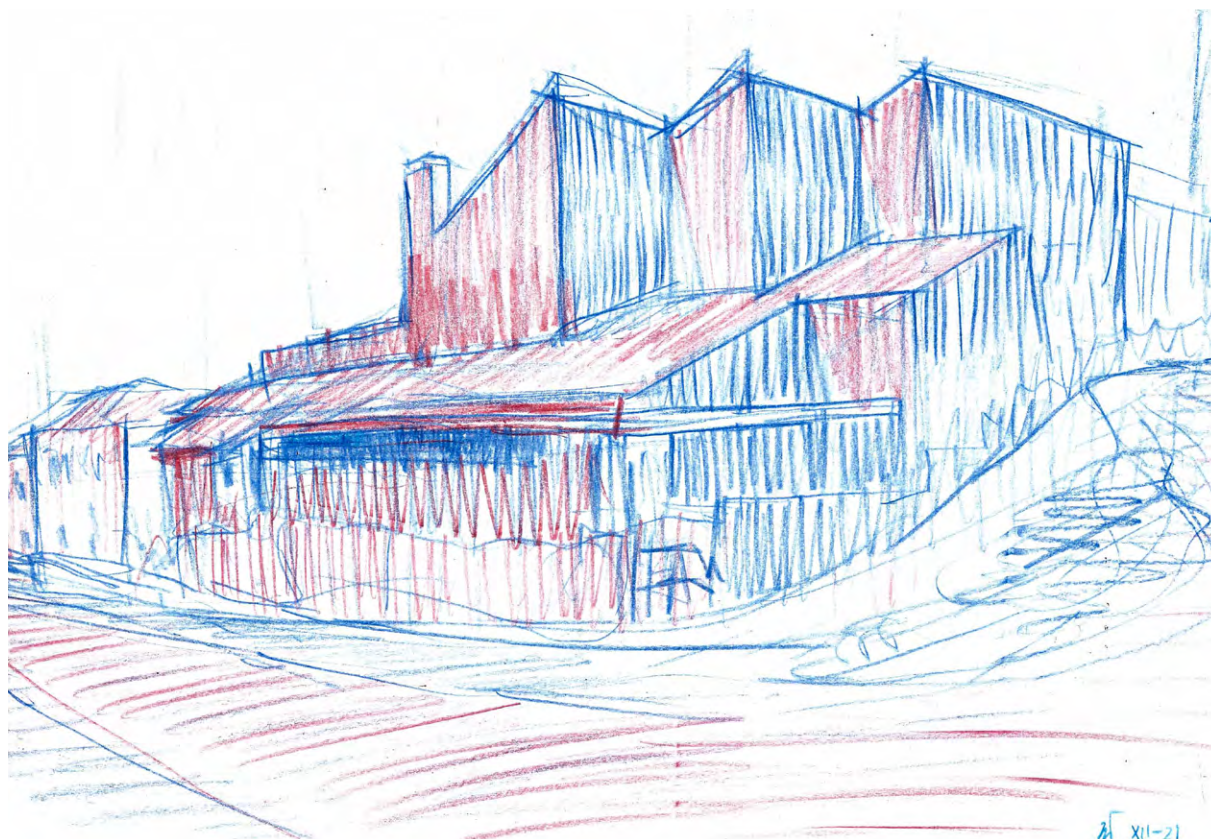


Figura 3. Casa de Rio Maior. Fonte: desenho do autor.

novo equilíbrio. Neste caso, explorará a variedade de alinhamentos planimétricos e altimétricos, iminentes da frente urbana de que fará parte e remate, desenvolvendo o volume construído como elemento articulador e aglutinador.

Chamamos a atenção para a importância, em ambos os projectos, da leitura atenta do contexto em que se inserem, mas entendemos igualmente importante destacar que esta exploração do entorno não tem como corolário a interpretação da integração como dissimulação. Em ambas as casas aqui estudadas, o novo edificado é claramente afirmativo, marca e deixa marca sobre a envolvente, transformando-a e buscando um novo equilíbrio. Em ambas as circunstâncias, as casas de Alcino Soutinho constituem-se peças afirmativas de conjuntos edificados, sem qualquer veleidade de dissimulação ou distância “à cidade” de que fazem parte.

LUZ E MATÉRIA

A paleta de materiais que suporta a expressão plástica destes dois projectos difere substancialmente.

Em ambos os casos é uma paleta de materiais relativamente restrita que, se nos cingirmos ao exterior, é fácil de listar; em Rio Maior: paredes caiadas de branco, coberturas em telha de barro, caixilharias em madeira pintada e alguns apontamentos de calcário serrado; na Rua Júlio Dantas: reboco com cor incorporada de cinza claro, caixilhos de alumínio anodizado e placas de calcário afagado. Em ambos os casos os portões são metálicos e da cor dos muros que os suportam.

Na casa de Rio Maior encontramos a predominância de materiais com forte tradição local, cujos processos de fabrico industriais constituem uma evolução de técnicas ancestrais. Na casa da Rua Júlio Dantas já não encontramos qualquer relação entre os materiais e a especificidade local ou regional. Mas o que na nossa opinião é mais diverso entre as duas casas no domínio da materialidade é a respectiva textura. Enquanto na Casa de Rio Maior a diversidade de texturas e cores dos vários materiais é evidenciada e o seu contraste explorado, na Casa da Rua Júlio Dantas os vários materiais apresentam uma textura e cor mais uniformes em que a sua variação gere subtis diferenças de tom.

Esta diferença de contraste ou similitude nos tons gerais da casa permite, em nossa opinião, ler duas cores diversas. Em Rio Maior, uma casa que se oferece à luz forte e quente do Sul, que os diversos materiais reflectem com pujança e em que a edificação se assume como construção da sombra. Na casa da Rua Júlio Dantas, uma certa uniformidade e dissolução das diferenças cromáticas que nos fazem pensar nas aquarelas de António Cruz, a propósito das quais Agustina escreveu: “[...] dão a luz da cidade (do Porto), a luz violeta e dourada da Paris de outono... diferente da de Lisboa, que é africana, loira e seca. [Aqui no Porto], os nevoeiros derramam aquela água verde que parece açucarada.” (Bessa-Luís, 1982, p. 9). Nestas duas casas de Alcino Soutinho vemos a exploração destas duas luzes, numa atenção contextualista que vai para além de eventuais citações formais.

PÚBLICO/PRIVADO, PRIVACIDADE

Neste âmbito existe uma enorme diferença entre as duas intervenções: em Rio Maior, uma casa que abraça e se estende ocupando a totalidade do lote, enquanto na Rua Júlio Dantas, num lote muito menor, é explícita a dicotomia entre o volume e o espaço envolvente. Contudo, entendemos ser possível ler uma estrutura de espaços exteriores muito mais idêntica entre si do que seria expectável tendo em conta esta fundacional diferença. Em ambos os casos, a aproximação à Rua é feita pelo desdobramento de planos paralelos à via, através dos quais se faz o acesso à área privada; após a contracção da entrada, o espaço interior abre-se e prolonga-se para um pátio posterior que funciona como “pivot” articulador não só da vida exterior, mas também das áreas internas. O jardim/pátio polariza as vistas dos vãos e funciona como elemento central de articulação entre exterior e interior no âmbito dos espaços domésticos. É curioso notar que esta sequência – transição entre espaço público e espaço privado através do desdobramento de planos paralelos à via, espaço interior “ligante”, pátio posterior – é comum à estrutura dos Paços do Concelho de Matosinhos (Figueira, 2014, p. 276), parecendo indicar uma lógica topológica de articulação espacial mais resiliente do que a diversidade de programas, a dimensão das intervenções, ou a passagem do tempo.

Também comum a ambas as casas, mas com formulação espacial muito distinta, é a atenção à construção do espaço de trabalho doméstico. Em Rio Maior o acesso à “zona de serviço” é directo à rua, mas mediado por uma “gelosia” exploradora da porosidade e da (in)visibilidade; em Júlio Dantas os espaços de trabalho doméstico são articulados por um “pátio inglês”, espécie de contraponto do piso recuado que remata superiormente o volume construído.

CÉU E TERRA

Apesar de muito diferentes entre si, a casa da Rua Júlio Dantas, com cobertura plana não-visível desde o nível da rua, e a casa de Rio Maior, com coberturas inclinadas revestidas de telha cerâmica, verificamos, em ambos os casos, um cuidado particular com o remate superior das construções.

Na casa da Rua Júlio Dantas o piso superior é fortemente contrastante com a restante construção. Enquanto nos pisos inferiores é predominante a leitura do volume, no piso superior somente temos os topos da laje de cobertura e paredes laterais cujo interstício é preenchido por panos enviaçados. Num certo sentido, é como se a construção fosse “descarnada”, ficando resumida aos seus aspectos essenciais. O predomínio dos elementos enviaçados e a forte presença de reflexos aproxima a construção do céu, e torna perceptível um aligeiramento da construção à medida que se desenvolve na vertical.

Na casa de Rio Maior as coberturas inclinadas configuram de modo determinante a forma construída, o que, a par do revestimento em telha cerâmica, lhe conferem uma forte presença plástica. O recorte superior da construção, fruto da conjugação dos planos inclinados das coberturas e do

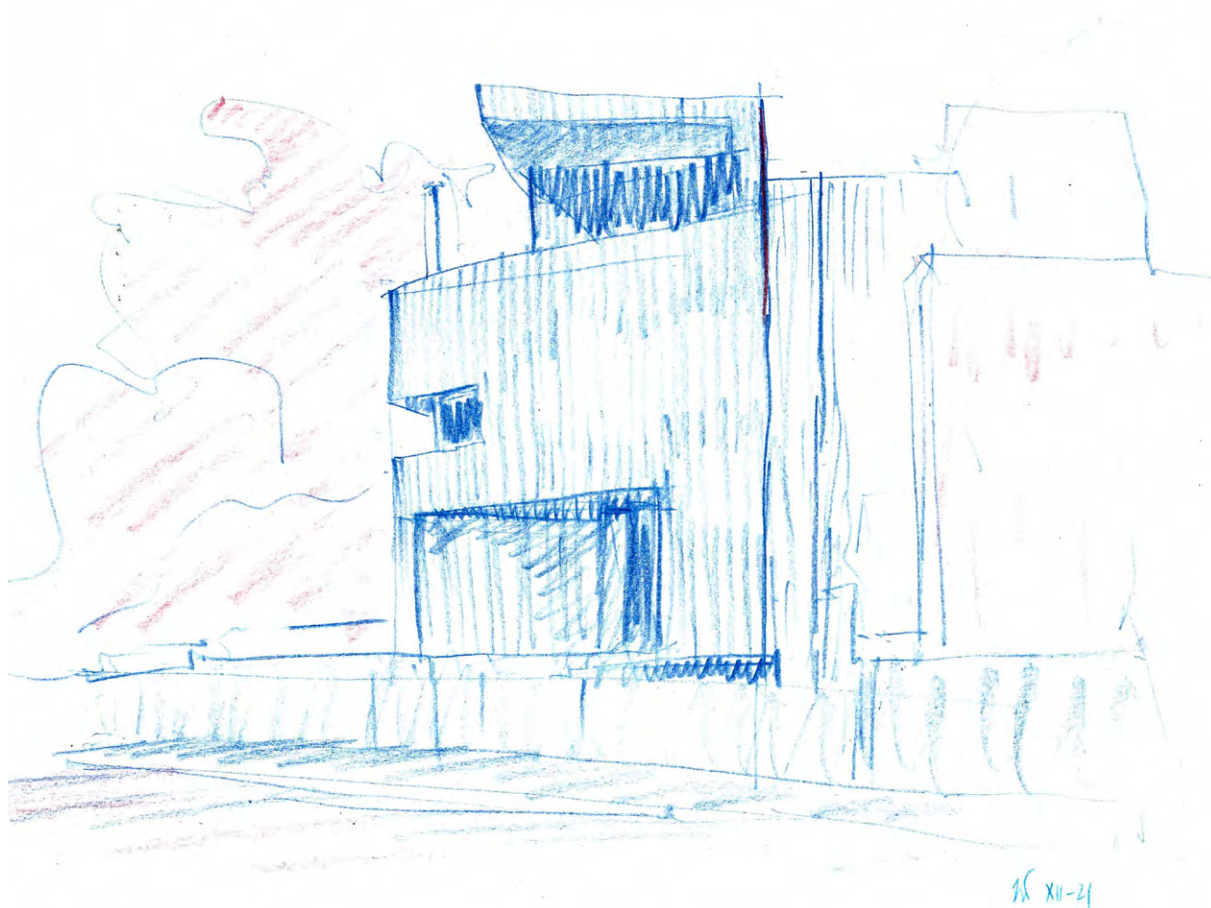


Figura 4. Casa da Rua Júlio Dantas, vista da rua. Fonte: desenho do autor.

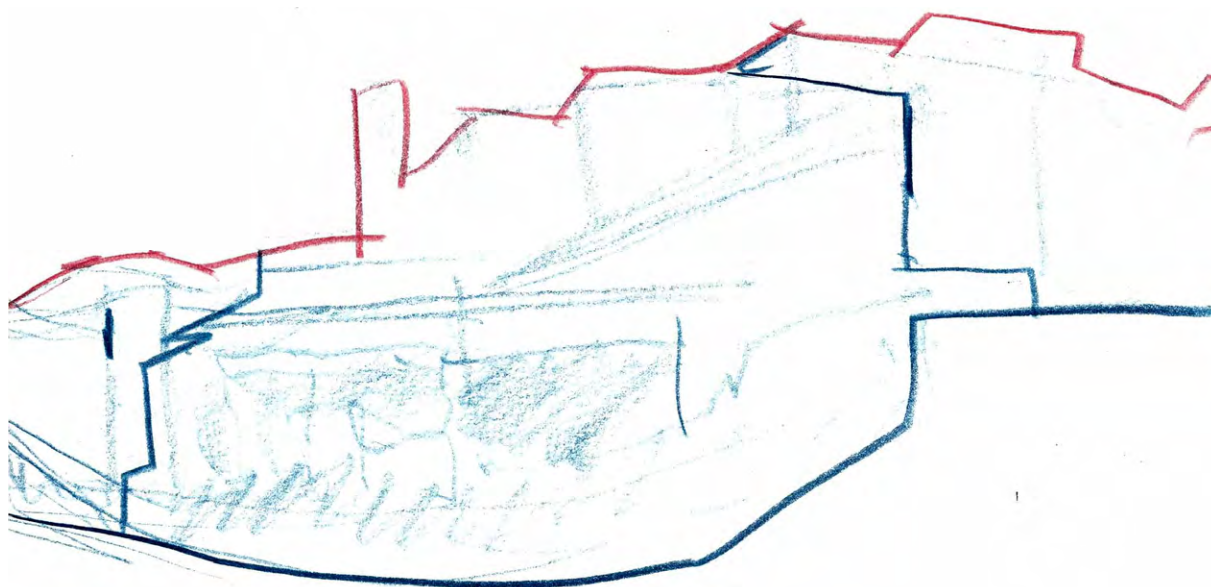


Figura 5. Casa Rio Maior – esquema de contorno. Fonte: desenho do autor.

recorte planimétrico, constitui um dos aspectos mais relevantes da forma construída, em que Alcino Soutinho explora a tensão entre uma certa platitude de linhas horizontais (beirais e cumeeiras) e o dinamismo de linhas oblíquas correspondentes ao recorte do topo das águas do telhado.

Tal como no encontro com o céu, o encontro com a terra é cuidado e desenvolvido. Ao contrário do que acontece na casa Pinto de Sousa (1984–89), junto à foz do Cávado, que se afirma como um objecto estranho à envolvente e pousado sobre o terreno (Dias, 1993), quer a casa de Rio Maior, quer a Casa da Rua Júlio Dantas, estabelecem uma forte articulação com o terreno envolvente. Não só as cotas altimétricas dos diversos pisos são aferidas na sua relação com o exterior, como também os vários pontos de acesso a cada uma das casas dão origem a plataformas que estabelecem espaços de transição, prolongando o espaço interior no exterior. De certa forma, ambas as casas seguem um modelo de forte amarração ao solo, não só na expressão tectónica, mas também na configuração espacial: à medida que a construção se eleva vai-se tornando mais ligeira e a expressão de intenções compositivas mais marcante e intensa.

MATRIZ GEOMÉTRICA

Nas duas casas, sem surpresa porque acontece na esmagadora maioria dos edifícios, são adoptados sistemas ortogonais na sua concepção planimétrica. Contudo, o modo como estes sistemas são manuseados difere muito nos dois casos de estudo.

Na casa de Rio Maior é adoptado um sistema ortogonal (paralelo a uma das ruas que delimitam o lote) que permite resolver a articulação de cumhal entre os dois arruamentos contíguos. Neste caso, com base no alinhamento da rua de maior dimensão, Alcino Soutinho desenvolve a malha ortogonal modelar de toda a construção, gerindo a sua manipulação para dar resposta às mais diversas situações, mas sem nunca se desvincular dele.

Na Casa da Rua Júlio Dantas são elementos determinantes na conformação volumétrica a assumpção de alinhamentos planimétricos e altimétricos da casa adjacente, mas também paralelismos com o arruamento e com a própria delimitação do terreno. A composição volumétrica é gerada a partir destes vários alinhamentos. O sistema ortogonal adoptado corresponde ao alinhamento da empena com a casa contígua e constitui uma regra das formas interiores,

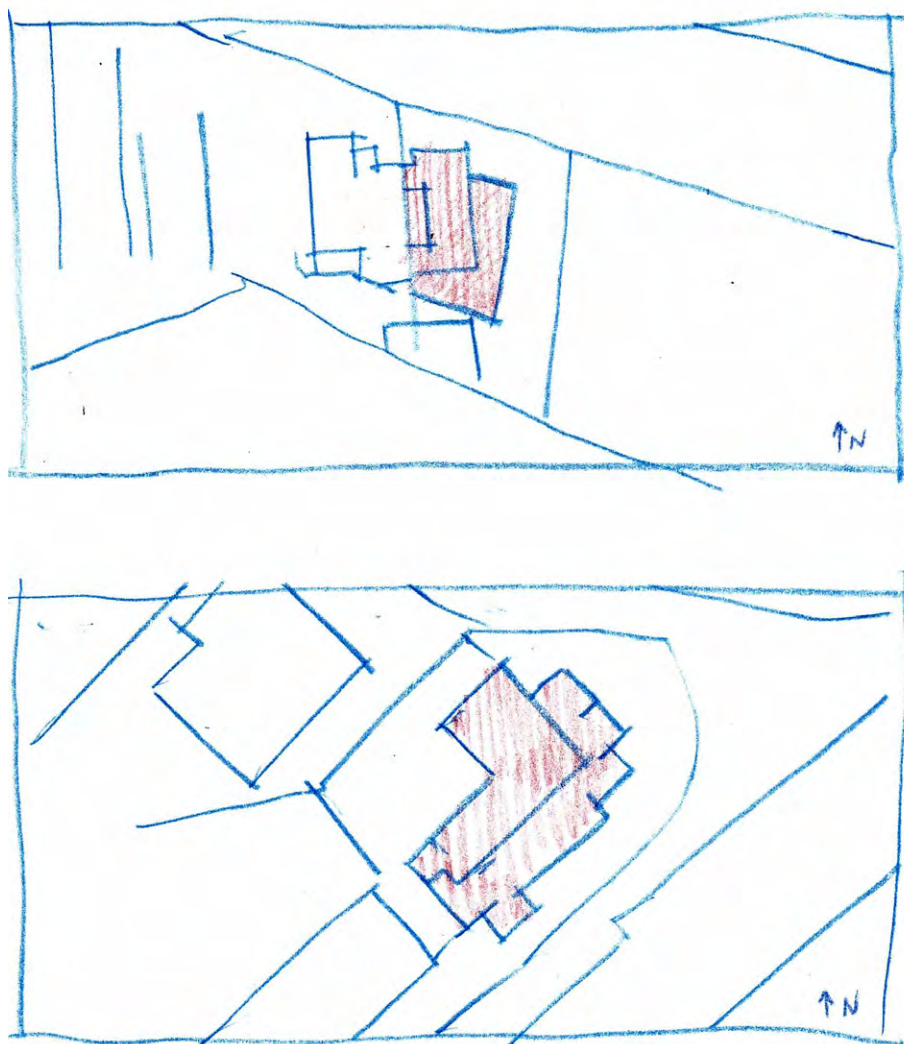


Figura 6. Esquemas de implantação.

Fonte: desenho do autor.

mas não das formas exteriores. Enquanto a volumetria exterior é irregular e incorpora elementos de vários alinhamentos da envolvente próxima, a ortogonalidade aparece como um elemento interno, vital ao desenvolvimento do objecto arquitectónico como espaço de vida. Esta retracção da ortogonalidade permite que, neste projecto, Alcino Soutinho desenvolva e explore a tensão entre delimitação exterior e compartimentação interior.

Em ambos os projectos objecto da presente análise, a contraposição de elementos horizontais e verticais assume um papel central na organização da composição arquitectónica. Em traços gerais lemos: na casa de Rio Maior, a predominância de elementos horizontais a que se contrapõem, com

carácter excepcional, elementos verticais; na casa da Rua Júlio Dantas acontece o inverso, a predominância de elementos verticais a que se contrapõem incisões horizontais.

Na casa de Rio Maior, o longo corpo paralelo à Rua Latino Coelho com o seu telhado e beiral [cuja horizontalidade é reforçada pela longilínea fenestração], domina a composição geral como elemento estabilizador e fundacional. O dinamismo de planos que sustentam a afirmação dos corpos verticais é como o rebrantar da ondulação nos limites dum plano de água. Na casa da Rua Júlio Dantas, a composição é a de um volume geral cujos recortes acentuam a dimensão vertical, enquanto as forças horizontais estão associadas a vãos (as mais das vezes agrupados em entalhes sobre esse

volume geral] e no corpo recuado da cobertura, que funciona como remate da composição.

Para a discussão da predominância entre horizontais e verticais entendemos útil avocar a aproximação do desenho à vista, ou seja, quando o nosso olhar se desenvolve na horizontal teremos um “desenho na horizontal” e, opostamente, quando o nosso olhar se desenvolve na vertical, teremos um desenho de proporções verticais. É isso que entendemos que acontece nestes dois casos, quando focamos a casa de Rio Maior o nosso olhar desenvolve-se na horizontal, enquanto que no caso da casa da Rua Júlio Dantas o nosso olhar se desenvolve na vertical. É ao longo do movimento de visão que vamos encontrar os elementos de continuidade, de suporte da composição e, na direcção oposta, os elementos mais diferenciadores. Assim, na casa de Rio Maior, é ao longo de uma sequência horizontal que vamos descobrindo a garagem, a entrada de serviço, a entrada principal, o desenrolar das coberturas, enquanto na Rua Júlio Dantas, é à medida que a nossa vista se desloca na vertical que vamos encontrando a garagem, a entrada, o pátio, os quartos, o terraço. É este deslocar da atenção do nosso olhar que permite a um objecto inanimado, como uma casa, suportar a percepção de dinamismo. O cuidado equilíbrio no interior desta matriz de horizontais e verticais permite ler Rio Maior como um corpo que se “deita” sobre o terreno, abraçando-o, e a casa da Rua Júlio Dantas como uma estrutura que das fundações cresce como uma casa/árvore.

Simon Unwin propõe, no âmbito da análise de edifícios, a distinção entre “*geometries of being*”, que poderemos de modo algo insatisfatório traduzir por “geometrias do ser”, e “*ideal geometry*”, por “geometrias ideais”: “*There are ways to use geometry that emerge out of the conditions of being, and there are others that are imposed or overlaid upon the World [by the mind]*” (Unwin, 2003, p. 125). De uma forma muito resumida, as “geometrias do ser” decorrem de características do mundo físico em que a arquitectura opera, nomeadamente: as medidas e ergonomia humanas, as funções que alberga, as dimensões de materiais e o comportamento dos sistemas construtivos. Já a “geometria ideal” tem um carácter abstracto: proporções matemáticas, regularidade geométrica, ortogonalidade,

que não decorrem das circunstâncias particulares de cada construção. Aplicando a distinção proposta por Unwin aos nossos casos de estudo, são predominantes os elementos de regulação geométrica que imanam das circunstâncias específicas de cada projecto, nomeadamente: modelação volumétrica para cerzimento da malha envolvente, alinhamentos altimétricos e planimétricos desenvolvidos a partir da envolvente pré-existente, escala humana e configuração espacial directamente articulada com a sua utilização. A ortogonalidade é o instrumento de regulação geométrica que impõe uma ordem abstracta e que sustenta a tensão entre regularidade (fundamentalmente gerida pela ortogonalidade) e variação (alinhamentos, sequências, proporções que decorrem de aspectos circunstanciais como o entorno, o programa, etc.).

Existe, contudo, e ainda utilizando a dicotomia de Unwin, uma variação substancial entre os dois projectos. Enquanto em Rio Maior a geometria e a forma têm uma relação forte com o comportamento de materiais e sistema construtivo, nomeadamente a relação com os telhados de telha cerâmica, ou da estrutura com a compartimentação e desta com a volumetria geral, na Casa da Rua Júlio Dantas a relação da forma com os materiais e sistema construtivo perde relevância, pois existe uma clara independência da determinação formal dos sistemas construtivos e estruturais.

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

A estrutura espacial das duas casas é bastante idêntica: separação entre área de quartos e área de estar, complementada por área de serviço de cozinha e tratamento de roupa. Mesmo nas dimensões, ambas as casas têm sequências espaciais e funcionais muito semelhantes. Esta semelhança entre duas casas cuja construção está separada por 35 anos, em que as transformações sociais do país foram enormes, como acima referimos citando António Barreto (1996), indicia três aspectos: que as tipologias e estruturas espaciais do habitar são muito resilientes, que as transformações sociais que Barreto identifica são mais a generalização de determinadas condições, e que o seu impacto e intensidade é muito distinto em diferentes grupos sociais.

Ao comparar o Portugal de 1960 e o de 1995, António Barreto referia:

Duas sociedades viviam no mesmo território sob o mesmo Estado. Uma, urbana, concentrada no litoral, em curso de modernização lenta, em via de alfabetização gradual, quase letrada, em contacto com o mundo exterior, com acesso a fontes de informação modernas e a modelos de consumo próprios das sociedades industrializadas. Nesta sociedade, as hierarquias eram formais, mais baseadas no direito que no costume, e as relações humanas eram funcionais (...) Comércio, emprego e cultura dominavam as relações sociais. Ao lado desta, uma sociedade rural, tradicional, dispersa pelo chamado interior, estava como que cortada das formas modernas de acesso ao consumo e à informação. As relações humanas e sociais repousavam na família e no costume, as hierarquias eram atávicas, a substância era o critério da organização económica e a religião dominava a cultura. (...) A dualidade era de uma sociedade que desaparecia e a de outra que nascia ao lado. [Barreto, 1995, pp. 842–843]

Rio Maior é uma casa desta sociedade que nascia e se generalizou nas décadas seguintes, tal como a casa da Rua Júlio Dantas, apesar de construída 35 anos mais tarde.

DISCUSSÃO

A visita comparada destas duas casas pode ser conduzida por uma pergunta: uma ou duas casas? O que predomina, a diferença ou a semelhança?

Em ambas as casas a linguagem é variável, sob escrutínio e escolha. Também em ambos os casos é adoptada uma linguagem partilhada, sem uma forte marca autoral ao contrário do que acontece noutras obras de Alcino Soutinho. A expressão plástica é muito cuidada, pelo que a adopção de diferentes léxicos arquitectónicos não significa indiferença ou menor cuidado com a dimensão formal da concepção arquitectónica. Tão pouco detectamos em Alcino Soutinho a distância irónica que podemos ler, por exemplo, na obra de Robert Venturi ou Michael Graves, relativamente aos modelos que trabalha. Em Alcino Soutinho a linguagem adoptada

é sentida como própria. A linguagem será a variável da obra arquitectónica que mais profunda e explicitamente dá nota e conta do tempo que passa e do seu encontro com o autor. Não moda, mas expressão de diferentes momentos de um percurso pessoal.

O contexto, e em particular a articulação com a envolvente urbana são elementos centrais aos dois projectos analisados. Em ambos, Alcino Soutinho parte da evidenciação de dissonâncias para construir um novo equilíbrio e a intervenção tem um forte carácter propositivo, não confundindo integração com ocultação. Apesar de relações com a envolvente muito diferentes (próxima em Rio Maior, mais distante em Júlio Dantas; perimetral em Rio Maior, pavilhonar em Júlio Dantas), em ambas as situações a intervenção é explicitamente fundada na relação geométrica com as confrontações próximas.

A escolha de materiais é, também em ambos os casos de estudo, tratada como instrumento privilegiado de manipulação da luz, sendo a variação de cor introduzida pela variação de material. Os materiais adoptados são substancialmente diferentes nas duas casas, mas sempre numa restrita paleta de opções. Em Rio Maior tirando partido de fortes contrastes, e em Júlio Dantas explorando subtis desdobramentos.

Apesar da clara diferença entre uma implantação perimetral, como que sucedânea da construção dos muros de delimitação, em Rio Maior, e de referência pavilhonar na Júlio Dantas, em ambas as casas a gradação de intimidade é gerida parcimoniosamente, quer na transição entre público e privado, quer na constituição de centros polarizadores da vida doméstica.

Em ambos os casos a intervenção está fortemente ancorada nas variações altimétricas dos lotes e na envolvente: os espaços interiores prolongam-se em plataformas exteriores e o remate superior do edifício é tratado com forte intencionalidade no desenho do respectivo recorte. Do ponto de vista da forma final são dois mundos, coberturas inclinadas explorando recortes e desdobramentos em Rio Maior, e cobertura plana como elemento descarnado e essencial da construção em Júlio Dantas.

Também, nas duas casas, a tensão entre regular e irregular está presente, bem como a adopção de um sistema ortogonal como principal elemento ordenador. Na Casa de Rio Maior o sistema ortogonal faz parte da matriz fundadora do desenho do projecto, regulando as suas mais diversas partes, enquanto em Júlio Dantas o sistema ortogonal não domina a totalidade da composição, só determinando parte das formas construídas e afirmando-se em tensão com o não-ortogonal. Na casa de Rio maior a variação e modelação da forma fazem-se no âmbito de uma ordem pré-estabelecida e global, enquanto em Júlio Dantas perpassa algum sentimento de convulsão em que os elementos ordenadores são parciais e já não dominam a totalidade do campo operativo.

A estrutura espacial será a dimensão em que as duas casas são mais semelhantes, indiciando que a enorme transformação social que aconteceu no período que medeia estas duas construções foi mais a generalização de modos de vida já existentes do que o surgimento de novos modos de vida, e, também, que a tipologia edificada é muito perene e acomodatória de diferentes condições de utilização e apropriação.

Ao compararmos estas duas casas, perguntamos de uma forma, talvez, simplista: uma ou duas casas? Neste caso, é para nós evidente que são duas casas, muito distintas, do mesmo arquitecto. Permanecem as preocupações (temas de projecto), variam as soluções. Dos temas (entendidos como perguntas que permanecem) destacamos: a linguagem, o contexto, luz e matéria, público/privado, céu, terra, regular/irregular, função/disposição. A importância e intensidade destes temas é mensurável pela sua relevância para a compreensão de cada uma destas obras.

Atravemos-nos a supor que alguma da relutância de Alcino Soutinho em aceitar a sua catalogação como pós-moderno, ou, nas suas próprias palavras: “[...] eu considero-me eventualmente um transgressor em termos formais, mas mais epidérmicos do que efectivamente na profundidade dos conceitos” (Lopes, 2012, p. 18), seria fruto da consciência da persistente validade das questões a que cada um dos seus projectos procura dar resposta. Ou como Eduardo Souto de Moura formulou já em 1988, “[...] o pluralismo que o arqui-

tecto tem vindo a desenvolver, não é indiferente às condições materiais que limitam e enformam o próprio projecto, mas pelo contrário um dos seus suportes reais.” (Moura, 1988). A diversidade e variedade de respostas que cada um dos seus projectos encerra corresponderá à procura das respostas mais adequadas a cada programa, lugar e tempo, em e na liberdade por que lutou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barreto, A. (1995). Portugal na periferia do centro: mudança social, 1960 a 1995. *Análise Social*, xxx (134), 841-855.

Barreto, A. (1996). *Três décadas de mudança social. A situação social em Portugal, 1960-1995*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Bessa-Luís, A. (1982). *António Cruz, o pintor e a cidade: 20 aguarelas sobre a cidade do Porto*. Oiro do Dia.

Dias, M. G. (1993). Alcino Soutinho. *Magazine de Arquitectura e Decoração*. RTP2. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/alcino-soutinho/>

Figueira, J. (2014) *A Periferia Perfeita – pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 1960-1980*. Caleidescópio.

Lopes, C. N. L. (2012). *Arquitectura e modos de habitar: conversas com arquitectos. Alcino Soutinho* (Vol. IV). CIAMH.

Siza, A., e Moura, E. S. (1987-1988). *Alcino Soutinho, uma obra*. Casa de Serralves.

Unwin, S. (2003). *Analysing Architecture*. Routledge.